

Benilton Lobato Cruz(UFPA)<sup>1</sup>

COCTEAU, Jean. **A Dificuldade de Ser**. Prefácio de François Nourissier; Tradução Wellington Júnio Costa. Belo Horizonte : Autêntica, 2015.

Alguém vive confortavelmente em sua própria pele? É a pergunta que sintetiza o livro, dentre tantas outras. Mas, a questão nos coloca um ponto em especial, a que gira em torno da compreensão do papel do artista no mundo moderno, e permanece como uma reflexão mesmo depois da leitura da obra de Jean Cocteau, afinal ele é um decifrador e a pele não deixa de ser uma “moldura” a conter a vastidão do ser. Qual é a pele que te contém e aprisiona Cocteau? A resposta aparece na página 149: “Deve ser um sonho viver confortavelmente em sua própria pele. Eu tenho, de nasceça, um carregamento mal feito. Nunca consegui me aprumar. Eis o meu balanço, se eu me prospectar.”

A última palavra da citação, “prospectar” condiz com um comportamento dos que se envolvem com a arte nesse mundo: todo artista nos convida a ir além, nos impele ao que nem ele sabe exatamente aonde estar indo. Mais efusivamente, não há pele que assegure um artista que não ouse se colocar à frente de seu tempo, à frente de sua ordem, e principalmente à frente de si mesmo. A Dificuldade de Ser, lançado em 2015 no Brasil pela editora Autêntica, reúne uma seleção de textos que estão além daquela ideia de espelho, ou seja, a de obra que reflete o artista, esse mesmo sujeito obliterado por tantas linguagens que o deveriam libertar e acabam por aprisioná-lo.

A obra é recomendada, no caso dos cursos superiores, principalmente, às disciplinas de Estética, História da Arte, Literatura Moderna, Artes Plásticas e Cinema, além do programa em Escrita Criativa, dentre outras coisas porque o livro propõe a retirar da arte o estanho dos espelhos. É um caso a pensar acerca dessa ideia de arte como espelho de Narciso. O que diz boa parte dos escritos de Cocteau é de que a sua arte, em

---

<sup>1</sup> Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2012), atualmente é professor da Universidade Federal do Pará, campus de Abaetetuba. Contato: [beniltoncruz@uol.com.br](mailto:beniltoncruz@uol.com.br)

especial, comporta-se como uma lógica do anti-espelho, ou seja, a arte assume os perigos da pele que nos emoldura, e liberta a condição do ato estético que travava os limites dessa força prospectiva. O artista carrega consigo o dever de seu próprio progresso moral que nos convida a ser essa criatura nova em cada circunstância da exuberante realidade.

Por essa lógica, a escrita de Cocteau rende homenagem aos seus mestres na arte de redigir: Montaigne, Racine, Flaubert, Chateaubriand e Stendhal, escritores essenciais à palavra-encaixe e não à palavra-escorregadiça, criticada por Cocteau. Mais, ainda todo escritor e todo pintor devem seguir o “hábito do ouvido” e evocar a “velocidade do sonho”, dentre outras táticas e técnicas a serviço do labor artístico, principalmente em busca da linha da vida, presente em Villon, Schubert e Cézanne, interação de poesia, pintura e música, trâmite a abrir as comportas das linguagens estéticas e misturá-las em prol desse progresso moral, anteriormente dito, a avivar a linha a cobrir cada ponto do percurso onde a presença do artista se impõe sobre o modelo.

A Dificuldade de Ser apresenta-se em sete partes, a Apresentação de Wellington Júnior Costa; especialista no autor, o Prefácio de François Nourissier; uma Introdução do próprio Cocteau; os textos em si, sempre iniciados com a preposição “de” no título como se já prenunciasses a ponte que é cada um desses textos; um Posfácio; uma Nota e a Nota do editor francês. Sete partes que, em sua riqueza, se multiplicam por sete e mais sete, um número do encanto e do ardor de uma obra-prima. Todavia não há sete Cocteaus, mas apenas um, um todo que se organiza a partir dessa consciência de ser artista, inclusive o crítico, o que chama Picasso de misógino em seus retratos de mulheres, apenas para lembrar um outro Cocteau, o crítico por detrás das telas.

O crítico aparece também em algumas passagens do livro, dentre elas ao se referir ao romance, gênero artificial, como diria Jorge Luis Borges, sobre a narrativa esparramada, no dizer de Mário de Andrade. Por sua vez, Cocteau, contemporâneo destes dois escritores citados anteriormente, é um autor que se distancia desse tipo de narrativa que ele chama de romances-rios “dos quais os leitores saltam parágrafos e não podem mais se introduzir, sem esforço, em aventuras alheiras”, na página 177. Na linha na qual se escreve deve conter a permanência da personalidade, o que seria, na verdade, o estilo.

Poderíamos falar de mais um Cocteau, em sua existência invulgar, o do filósofo que dispensa um sistema de pensamento, e opta pelos testemunhos de

si, se é que podemos chamar assim os textos de um autor que é cineasta, escritor, designer, pintor, escultor, cenógrafo, ator, diretor, poeta. Essa enumeração esconde, na verdade, um nome que pode ser a chave para se entender o Modernismo. Aos poucos, é possível lê-lo como um artista-polvo, esse mesmo cujo tentáculos capturam com as suas ventosas as inumeráveis formas de viver e que são no fundo formas de arte. É como se não houvesse Modernismo sem a vivência em um mundo repleto de arte por toda a parte, onde o sangue é essa tinta permanentemente intranquila.

Já que a vida vem em primeiro lugar, o desafio é sintetizar um artista múltiplo e para não dizer completo, e em especial modernista, uma palavra às vezes, carregada do complexo de multiplicidade, ou de um tom pejorativo, dando-se a entender que modernista é sempre aquele artista difícil, anti-popular e hermético, ainda mais quando esse mesmo artista atinge o cinema, a que é considerada a arte do Modernismo em sua essência, arte prospectiva, cinemática, no sentido de movimento mesmo, a que tem a ver com o artista derramando sua vivência, sua pele, sua tinta.

Chamá-lo de artista-polvo é quase um insulto, mas é uma fórmula infantil e necessária. Ao longo do livro, em algumas vezes, ele toca na palavra “tinta”, essa que escreve a sua luta por se fazer entender. Escrever é soltar essa tinta sob a ameaça do perigo já que viver é sentir-se em desconcerto. A vida é insolúvel e escrever é um ato de driblar a morte com a juventude, fase da vida aberta ao princípio básico do artista depositado na aprendizagem e na coragem.

É a juventude o período da vida cuja índole de rebeldia permeia o que pode haver de melhor na trajetória do artista.

E sobre a metáfora da tinta, o escritor ainda se deixa levar pela condição plástica da expressão e assim derrama uma “tinta doente na fixação de belas figuras” e principalmente quando fala de outro artista, o poeta Apollinaire, essa mesma tinta, cuja “gota tremia e caía. Ela estralava a folha. *Álcoois, Caligramas*, tantos sinais de um código secreto” – em uma passagem que se entrevê uma das suas paixões, a poesia, a questão permanece no âmbito da luta com essa tinta, essa mesma das canetas, das telas, dos quadros, das películas, – tinta da visibilidade em seu desdobrar do olhar, a inquietação de prospectar, característica fulminante desse nome chamado Jean Cocteau.